

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**ERIKA MYLENA MENDES DA SILVA  
LUANA LUIZA GOMES VASCONCELOS**

**O MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE ALAGOAS: ESTRATÉGIAS E  
CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EJA**

**MACEIÓ-AL  
2025**

ERIKA MYLENA MENDES DA SILVA  
LUANA LUIZA GOMES VASCONCELOS

O MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE ALAGOAS: ESTRATÉGIAS  
E CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EJA

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do  
Curso de Pedagogia do Centro de Educação da  
Universidade Federal de Alagoas como  
requisito parcial para obtenção da nota final do  
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Orientadora: Profa. Dra. Érica Renata Vilela  
de Moraes

MACEIÓ-AL  
2025

ÉRIKA MYLENA MENDES DA SILVA  
LUANA LUIZA GOMES VASCONCELOS


**“O MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE ALAGOAS: estratégias e contribuições  
para o ensino de geografia na EJA”**

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

**Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 24/11/2025.**


**Orientadora: Profa. Dra. Érica Renata Vilela de Moraes (CEDU/UFAL)**

**Comissão Examinadora**

Documento assinado digitalmente  
 **ERICA RENATA VILELA DE MORAIS**  
Data: 02/12/2025 13:17:43-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Profa. Dra. Érica Renata Vilela de Moraes (CEDU/UFAL)

Presidente

Documento assinado digitalmente  
 **VALERIA CAMPOS CAVALCANTE**  
Data: 24/11/2025 20:30:41-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Valéria Campos Cavalcante (CEDU/UFAL)

2º. Membro

Documento assinado digitalmente  
 **ANDRESSO MARQUES TORRES**  
Data: 25/11/2025 20:48:59-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Andresso Marques Torres (UFAL)

3º. Membro

MACEIÓ-AL  
2025

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus que nos capacitou e instruiu até aqui, a Nossa Senhora que não cessa de interceder por esse sonho e a nossa família que incessantemente colaborou com nossas noites/dias percorrendo esse lindo e doloroso caminho. Aos amigos que fizemos na vida acadêmica, aos professores que foram apoio, e a nossa querida orientadora que aceitou concretizar esse sonho. Gratas imensamente a tudo que a Universidade Federal de Alagoas nos proporcionou como seres humanos e como pedagogas.

## O MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE ALAGOAS: ESTRATÉGIAS E CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EJA

Estudantes. Erika Mylena Mendes Da  
Silva

**email:** [erika.silva@cedu.ufal.br](mailto:erika.silva@cedu.ufal.br) Luana

Luiza Gomes Vasconcelos

**email:** [luana.vasconcelos@cedu.ufal.br](mailto:luana.vasconcelos@cedu.ufal.br)

Profa. Orientadora. Dra. Érica Renata Vilela de  
Morais

**email:** [erica.morais@cedu.br](mailto:erica.morais@cedu.br)

### RESUMO

Quando pensamos em museu, muitas ideias podem surgir: um lugar de guardar coisas antigas, um espaço silencioso, um prédio histórico, uma vitrine de objetos que contam algo sobre quem fomos e sobre quem ainda somos. Cada pessoa carrega uma imagem diferente, construída pelas experiências que teve ou pela falta delas. Nesse cenário, o foco central deste estudo foi investigar o potencial educativo do Museu da Imagem e do Som de Alagoas para promover a aprendizagem crítica do espaço geográfico com estudantes dos anos iniciais da EJA. A pesquisa se apoia na geografia crítica, baseada em Cavalcanti (2003/2013) e Santos (2000) entendendo o espaço como resultado das relações sociais e adota abordagem qualitativa, voltada a interpretar os significados atribuídos ao museu, sua função social e seu potencial pedagógico. As intervenções no museu e a partir dele, são orientadas pelas estratégias metodológicas propostas por Matos (2013), que o trabalho com museus deve iniciar na escola, articulando ações no espaço do museu e no retorno ao ambiente escolar. O estudo evidencia que, por meio da intencionalidade e da mediação do educador, o museu se configura como um ambiente de experiência, diálogo e reflexão, articulando saberes prévios, vivências dos educandos e conteúdos escolares, contribuindo para a construção do pensamento crítico dos educandos. Além disso, destaca-se a importância da valorização dos museus como instrumentos de educação patrimonial, aproximando a comunidade escolar das diferentes formas de narrar, registrar e compreender o território.

**Palavras-Chave:** Museu da Imagem e do Som de Alagoas; Ensino de Geografia; Educação de Jovens e Adultos; Prática educativa.

## ABSTRACT

When we think of a museum, many ideas can arise: a place to store old things, a quiet space, a historical building, a showcase of objects that tell something about who we were and who we still are. Each person carries a different image, built by the experiences they had or by the lack of them. In this scenario, the central focus of this study was to investigate the educational potential of the Museum of Image and Sound of Alagoas to promote critical learning of geographical space with students from the early years of EJA. The research is based on critical geography, based on Cavalcanti (2003/2013) and Santos (2000) understanding space as a result of social relations and adopts a qualitative approach, aimed at interpreting the meanings attributed to the museum, its social function and its pedagogical potential. The interventions in the museum and from it are guided by the methodological strategies proposed by Matos (2013), that the work with museums should begin at school, articulating actions in the museum space and in the return to the school environment. The study shows that, through the intentionality and mediation of the educator, the museum is configured as an environment of experience, dialogue and reflection, articulating previous knowledge, experiences of students and school content, contributing to the construction of students' critical thinking. In addition, the importance of the valorization of museums as instruments of heritage education is highlighted, bringing the school community closer to the different ways of narrating, recording and understanding the territory.

**Keywords:** Museum of Image and Sound of Alagoas; Geography Teaching; Youth and Adult Education; Educational Practices.

## 1. INTRODUÇÃO

Os museus, ao longo da história, deixaram de ser vistos apenas como espaços de conservação e exposição de objetos, para se consolidarem como instituições de caráter educativo, cultural e social. Mais do que guardar memórias, os museus possibilitam reflexões sobre a identidade, a história e as transformações de uma sociedade, assumindo um papel relevante na formação de sujeitos críticos e na valorização da cultura.

Como pedagogas em formação docente no curso de pedagogia da UFAL, desenvolvemos uma vivência formativa no Museu da Imagem e do Som de Alagoas durante as disciplinas Saberes e Didática do Ensino de Geografia I e II. Essa vivência ocorreu no dia 07 de abril de 2025, envolvendo observações, anotações, registros fotográficos e diálogos com a mediação do museu.

No contexto da Educação de Jovens e Adultos, os museus se tornam ainda mais marcantes por representarem espaços de acesso à cultura, à memória e à produção de conhecimento que extrapolam o espaço da sala de aula. Além disso, pensar uma proposta educativa que aproxima espaços da cidade das experiências educativas vivenciadas nas turmas da EJA concretiza o que estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 20 de dezembro de 1996, Lei nº 9.394, a qual reconhece que a educação se realiza

em diferentes ambientes e valoriza os saberes adquiridos nas experiências de vida e de trabalho, ampliando o sentido e os significados da aprendizagem.

Nessa perspectiva, o encontro entre a EJA e os museus, quando orientada por uma intencionalidade educativa e pedagógica, pode favorecer o diálogo dos educandos com a história, a arte e a cultura. Tal aproximação anuncia possibilidades de práticas que contribuem para a democratização do acesso à cultura, direito previsto no art. 215º na Constituição Federal Brasileira, de 1988, e para o fortalecimento do pertencimento cultural, aspectos relevantes à formação crítica e emancipadora que a educação, em seu sentido mais amplo, deve promover.

Nesse contexto, o Museu da Imagem e do Som de Alagoas (Misa) destaca-se como um importante espaço cultural. Localizado na Rua Sá e Albuquerque, nº 275, na Praça Dois Leões, no coração histórico do bairro de Jaraguá, em Maceió, no estado de Alagoas, o museu convida o visitante a um encontro com o tempo, história e memória do povo alagoano. O espaço cultural foi fundado em 3 de setembro de 1981 com o objetivo de preservar e difundir a memória alagoana. Seu acervo é composto por fotografias, documentos, registros sonoros, audiovisuais diversos que testemunham a constituição da população alagoana, do Brasil e suas fronteiras. Essas obras permitem múltiplas interpretações e aproximam o visitante da compreensão das transformações urbanas, sociais e culturais que marcaram a cidade ao longo do tempo.

De acordo com Cabral (2021), embora muitos museus desenvolvem ações educativas voltadas ao público escolar, por meio de visitas mediadas ou de projetos específicos, raramente contemplam os educandos públicos da EJA. Tal ausência ocorre, em grande parte, porque muitos desses espaços não funcionam à noite, período em que, devido às necessidades dos próprios estudantes, geralmente se concentram as turmas da EJA, embora essa modalidade não seja obrigatoriamente ofertada apenas nesse turno. A autora provoca uma reflexão sobre o lugar da EJA nos museus brasileiros e sobre a necessidade de ampliar o acesso desse público a espaços de formação cultural e social. Essa realidade também se observa no caso do MISA, que realiza atividades educativas e visitas mediadas, mas não disponibiliza atendimento no turno da noite, o que limita a participação em maior quantidade desse público em suas ações.

Nesse contexto, destaca-se a relevância de refletir sobre o papel educativo do Misa e suas potencialidades como espaço de aprendizagem, memória e cultura. O seu acervo, bem como, as exposições que são realizadas no espaço e mediações, podem possibilitar experiências contextualizadas e ricas. No entanto, é importante considerar que essa função nem sempre se traduz em apropriação pelos cidadãos, especialmente pelos educandos da EJA,

que têm acesso limitado às atividades do museu. Assim, pensar a relação entre o MISA e a EJA permite problematizar como espaços culturais podem se tornar mais acessíveis para o público.

Essa dimensão educativa amplia a função social do museu e evidencia seu potencial como recurso pedagógico. A escola, enquanto instituição que também desempenha papel essencial na formação cultural e social, pode-se beneficiar desse espaço ao utilizá-lo como extensão da sala de aula. A articulação entre museu e práticas escolares possibilita novas metodologias de ensino, nas quais os estudantes têm a oportunidade de vivenciar experiências concretas que complementam e enriquecem o processo de aprendizagem.

Além disso, ao aproximar o ambiente museológico da realidade escolar da EJA, cria-se a oportunidade de valorizar o patrimônio cultural como fonte de conhecimento e reflexão, fortalecendo o vínculo entre os sujeitos e sua própria história. No caso do MISA, essa relação é ainda mais expressiva, pois seu acervo está diretamente ligado às transformações sociais, culturais e tecnológicas da cidade de Maceió e do estado de Alagoas, além de destacar personalidades marcantes na música, história e memória local. Esse conjunto de elementos, possibilita que os estudantes se reconheçam no espaço da cidade e ressignifique suas vivências a partir do contato com a memória coletiva.

Assim, este trabalho busca refletir sobre a importância do museu enquanto espaço educativo e sobre as possibilidades de sua utilização em práticas escolares, tomando como referência ao Museu da Imagem do Som de Alagoas. Ao destacar a relevância do MISA para a preservação da memória para a valorização da cultura local, pretende-se evidenciar como aproximação entre museu e sala de aula podem contribuir para a construção de uma aprendizagem importante para formação de sujeitos críticos, conscientes e pertencentes à sua identidade cultural.

Nesse sentido, a pesquisa busca responder à seguinte questão: o Museu da Imagem e do Som de Alagoas pode ser explorado como recurso pedagógico para promover a aprendizagem crítica do espaço geográfico com estudantes dos anos iniciais da EJA? Com base nessa problematização, o estudo tem como objetivo geral analisar o potencial educativo do MISA para promover a aprendizagem crítica do espaço geográfico com os estudantes da EJA. Para tanto, os objetivos específicos elencar aspectos do conteúdo do acervo e das exposições do museu que possam contribuir para a aprendizagem crítica do espaço geográfico; propor estratégias de mediação articuladas ao contexto da sala de aula ou de outros espaços educativos e desenvolver atividades didáticas que integrem espaço, tempo e experiência, favorecendo a compreensão crítica do território pelos estudantes da EJA.

O artigo está estruturado, incluindo a introdução, em 5 seções, que discutem os



aspectos teóricos relacionados à EJA, a educação em espaço de museus e o ensino de Geografia. Na sequência, são descritos os procedimentos metodológicos da pesquisa e a proposta didática elaborada a partir das experiências vivenciadas. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

## **2. APROXIMAÇÕES TEÓRICAS: MUSEU, EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O ENSINO DE GEOGRAFIA**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui-se como uma modalidade de ensino voltada para sujeitos com trajetórias escolares interrompidas ou não concluídas no tempo previsto. Os sujeitos da EJA carregam trajetórias de vida marcadas por múltiplas experiências, identidades sociais e culturas diversas, que influenciam diretamente sua relação com o processo educativo. No contexto e nas práticas educativas esses educandos devem ser compreendidos como sujeitos dotados de saberes construídos em suas vivências e história de vida, como destaca Freire (1987).

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres "vazios" a quem o mundo "encha" de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como "corpos conscientes" e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo (Freire, 1987, p. 38).

Sob essa perspectiva, o ponto de partida do processo educativo deve estar na realidade concreta do educando, uma vez que, é a partir dela que se torna possível construir novos conhecimentos de forma significativa. Reconhecer os sujeitos EJA implica valorizar suas histórias de vida, seus conhecimentos prévios e sua inserção no espaço social em que vivem.

Nesse contexto, o ensino de geografia assume papel importante na formação crítica dos estudantes, pois permite compreender a organização do espaço, as dinâmicas sociais e as contradições que o estruturam. Sob a ótica da Geografia crítica, Santos (2006) defende que o espaço deve ser compreendido como resultado das relações sociais, expressando desigualdades e transformações que atravessam a vida em sociedade. Conforme o autor (2006, p. 231), “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente”. Essa concepção amplia a leitura do espaço, permitindo que os sujeitos se reconheçam como parte dos processos sociais e históricos que o produzem.

Para Cavalcanti (2003), o ensino de Geografia não deve se limitar à transmissão de conteúdos ou à descrição isolada dos fenômenos espaciais. ao contrário, a autora enfatiza que a aprendizagem geográfica precisa partir da realidade concreta dos estudantes, valorizando o espaço vivido, suas percepções cotidianas e as práticas sociais que estruturam o território.

Essa perspectiva desloca o foco da memorização para a compreensão crítica do mundo, permitindo que os educandos reconheçam os processos sociais, econômicos e culturais que produzem o espaço em que vivem.

Sob essa perspectiva, Cavalcanti (2013) destaca que o ensino de Geografia deve possibilitar ao estudante compreender o espaço geográfico como uma construção humana, histórica e social, marcada por relações de poder, práticas culturais e transformações constantes. A autora ressalta que o espaço vivido constitui ponto de partida para o desenvolvimento do pensamento crítico, sobretudo porque permite que os estudantes analisem a cidade a partir das experiências, memórias e trajetórias que carregam. Na EJA, essa abordagem se torna ainda mais marcante, pois os sujeitos trazem vivências que dialogam diretamente com temas como trabalho, mobilidade, moradia, desigualdades e usos de território. Assim, ao articular tais vivências ao conhecimento escolar, o ensino de geografia torna-se mais crítico, contextualizado e profundo.

Santos (2001) apresenta uma análise crítica acerca da globalização, evidenciando suas contradições estruturais, como a desigualdade social e a exclusão. O autor busca desmistificar a concepção de que a globalização constitui um fenômeno homogêneo, inevitável e universalmente benéfico. Ao relacionar esse pensamento à realidade dos educandos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), observa-se que o elevado índice de evasão escolar enfrentado pelos educandos, está intimamente associado às desigualdades sociais e econômicas. Tais desigualdades restringem o acesso e a permanência desses sujeitos no espaço escolar, tornando-os vítimas de um processo de marginalização social que reflete as próprias contradições da globalização contemporânea.

Inserido nesse contexto, o museu surge como recurso pedagógico capaz de ampliar as práticas educativas da geografia crítica na EJA. Matos (2013) destaca que o museu não deve ser visto apenas como espaço de contemplação de objetos, mas como ambiente informativo e dinâmico, que estabelece diálogo com a escola e a comunidade. Ao ser incorporado como recurso metodológico, o museu pode favorecer a construção de novos significados para os sujeitos da EJA, especialmente quando a mediação é pensada como prática dialógica, problematizadora e investigativa.

Esta investigação implica, necessariamente, numa metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora. Daí que seja igualmente dialógica. Daí que, conscientizadora também, proporcione, ao mesmo tempo, a apreensão dos "temas geradores" e a tomada de consciência dos indivíduos em torno dos mesmos (Freire, 1987, p. 50).

Isso significa ir além da apresentação cronológica do acervo, estimulando os estudantes a questionarem, relacionarem e refletirem sobre os conteúdos expostos e sua

ligação com a realidade social.

Sob a perspectiva da geografia crítica, essa limitação reforça a necessidade de repensar a mediação museal como prática educativa. O museu, quando concebido apenas como espaço de contemplação de objetos estáticos, não dialoga com as contradições sociais nem favorece a leitura crítica da realidade. No entanto, quando compreendido como ambiente dinâmico, aberto a comunidade e as produções culturais diversas, pode atuar como espaço potente para a construção coletiva do conhecimento.

A partir do diálogo entre as exposições e os saberes trazidos pelos alunos, o professor pode promover atividades de análise, reflexão e produção de narrativas visuais e orais, estimulando o protagonismo dos sujeitos no processo de aprendizagem. De acordo com Cavalcanti (2013, p. 26), “a experiência tem mostrado a ineficácia de se ensinar conceitos à criança ou ao jovem apenas transmitindo a eles o conceito definido no livro ou elaborado pelo professor”. Diante dessas limitações no ensino tradicional, a quebra de paradigmas trazida pela Geografia Crítica inaugurou uma nova perspectiva para o ensino, como destaca a autora: “o ensino de Geografia deve visar ao desenvolvimento da capacidade de apreensão da realidade do ponto de vista da sua espacialidade” (Cavalcanti, 2013, p. 24).

Nessa perspectiva, procuramos desenvolver uma proposta educativa que apresenta possibilidades para um roteiro de visita mediada no MISA. A proposta articula ações no museu e escola, buscando evidenciar a potencialidade desses espaços para o ensino de Geografia na EJA. As possibilidades didáticas foram construídas a partir das experiências formativas no MISA e da reflexão sobre suas potencialidades pedagógicas.

Antes de apresentarmos a proposta didática com possibilidades educativas no MISA, apresentamos a seguir os caminhos metodológicos que orientaram a construção e o desenvolvimento da pesquisa.

### **3. CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, que busca compreender as potencialidades educativas do Museu da Imagem e do Som de Alagoas. A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se pelo interesse em interpretar significados atribuídos ao museu, sua função social e suas possibilidades pedagógicas, mais do que em quantificar dados. De acordo com Lüdke e André (2003, p. 18), esse tipo de estudo “[...] é rico em dados descritivos, possui um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”.

Na mesma perspectiva, Minayo (1994, p. 22) destaca que a abordagem qualitativa “[...] investiga o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes,

permitindo a análise de relações, processos e fenômenos que não se reduzem à simples operacionalização de variáveis”. Nesse sentido, o caráter exploratório deste estudo está ligado ao objetivo de levantar possibilidades de estudo e de investigação no campo da educação de jovens e adultos e o acesso desse público nos espaços de museu, ao passo que o aspecto descritivo e reflexivo relaciona-se à necessidade de registrar e analisar o acervo e as práticas observadas no MISA. A visita ao MISA possibilitou identificar elementos do acervo e das exposições relacionados à história, à cultura e às transformações urbanas de Maceió, especialmente do bairro de Jaraguá. Também foram observados aspectos relacionados ao potencial educativo do museu, como a organização das exposições, a acessibilidade aos diferentes públicos, a presença de recursos interativos e o acolhimento ao público escolar. Conforme Matos (2013), a ação educativa no museu deve estimular questionamentos sobre as narrativas e discursos apresentados, favorecendo reflexões críticas a partir da realidade sociocultural dos visitantes. Observamos que o MISA é um espaço que oferece seu acervo e infraestrutura para atividades educativas, exposições e projetos culturais, que contribuem para a memória, pesquisa e produção, possibilitando a interação com escolas e comunidades. Essa potencialidade se evidencia em mostras como a "Comunidade Escolar e Território", que reuniu produções artísticas e de pesquisa que valorizam a diversidade cultural, territorial e ambiental de Alagoas, desenvolvidas por estudantes da rede pública estadual do estado, ocorrida no mês de abril, do ano de 2025.

Mesmo sendo uma exposição temporária, o que vimos ali, abre caminhos educativos que podem ser ampliados. Essa percepção pode ser desenvolvida tanto a partir das mostras temporárias, quanto do próprio acervo do MISA, suas obras, peças e do seu entorno, como o bairro Jaraguá, que carrega marcas históricas e espaciais importantes. A partir da autora Matos (2013), compreendemos que essa ampliação depende de uma visita construída com intencionalidade, entendendo o museu como um lugar onde se pode ler o território, interrogar as narrativas expostas e relacionar o que se vê com o que se vive na escola e na cidade. A autora sugere que as visitas em espaços de museus:

[...] deveria[m] se iniciar na escola a partir de discussões sobre o que é museu, para que serve um museu, analisar a partir de que discurso a exposição é apresentada ao visitante, atentando para a narrativa construída pela seleção das peças; (3) retornar para a escola, finalizando a visita com o debate acerca da escolha do discurso e dos objetos expostos, problematizando a visita (Matos, 2013, p. 62)

As estratégias utilizadas no ambiente museológico precisam assumir maior complexidade, de modo a possibilitar que os estudantes construam conhecimentos articulados às dimensões sociais, culturais e econômicas presentes nas práticas escolares e no acervo do MISA. Assim, busca-se promover um diálogo entre as reflexões críticas desenvolvidas em

sala de aula e as experiências proporcionadas pelo museu, permitindo que os educandos da EJA reconheçam, por meio da observação e da participação ativa, marcas de um passado que, embora nem sempre vivido diretamente, pode ser compreendido e ressignificado a partir do contato com os materiais expostos. Assim, como percurso metodológico, a proposta está organizada em três momentos pedagógicos, articulando ações didáticas realizadas no espaço escolar, durante a visita e no pós-visita, destacando os possíveis desdobramentos das experiências vivenciadas.

O primeiro momento, realizado antes da visita, envolve sensibilização, investigação e levantamento dos conhecimentos prévios dos educandos. O objetivo é identificar o que os estudantes já sabem sobre o museu, o que imaginam encontrar ali, qual a importância desse espaço e para que ele serve. O segundo momento corresponde à visita ao MISA, com observação orientada, registros e mediações que favorecem a interação com as obras e com o próprio espaço do museu. O terceiro momento propõe a sistematização das experiências vividas na visita, o que pode ocorrer de diferentes formas. Aqui, o objetivo é dar continuidade às reflexões, relacionando o acervo e as observações feitas no museu com a realidade dos educandos, articulando elementos de memória, tecnologia, cidade e identidade cultural.

**Primeiro momento**, antes da visita, com atividades de sensibilização, diálogo, construção dos conhecimentos prévios, as expectativas e a preparação dos educandos da EJA para compreender o museu como um espaço de leitura crítica do território;

**Segundo momento**, durante a visita, com observação orientada e registro das percepções dos educandos. O estudante passa a perceber que cada objeto, imagem e registro traz uma narrativa sobre a cidade, o museu e sobre a forma como grupos sociais são representados;

**Terceiro momento**, depois da visita, com a análise crítica do território e produção de sínteses a partir das aprendizagens, atividades que articulam memória, território e experiência.

A partir das experiências vivenciadas no espaço do MISA, delineamos a etapa seguinte da proposta, que constitui o objeto central desta pesquisa. Nessa fase, buscamos ampliar a perspectiva inicial, articulando os aspectos espaciais, sociais e culturais que atravessam o bairro e o acervo do museu. Com base nessas vivências, propomos estratégias de mediação que dialoguem com o contexto da sala de aula e de outros espaços educativos, de modo a fortalecer vínculos entre o saber escolar e o conhecimento produzido nas práticas culturais. Além disso, a proposta didática procura articular tempo, espaço e experiência, favorecendo um ensino de Geografia crítico e significativo.

#### **4. POSSIBILIDADES DIDÁTICAS NO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE ALAGOAS: MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E CONHECIMENTO**

As potencialidades educativas do MISA podem ser reconhecidas na medida em que o museu atua como um espaço de mediação entre o conhecimento científico e a experiência dos estudantes. Sua proposta educativa busca favorecer uma aprendizagem crítica e interdisciplinar, possibilitando que os educandos interpretem as exposições, estabeleçam relações com as transformações do espaço geográfico e articulem esses conteúdos com sua realidade. Dessa forma, o MISA contribui para a construção ativa do conhecimento e para o desenvolvimento de uma compreensão mais ampla e contextualizada dos fenômenos sociais e espaciais.

Entre as estratégias metodológicas propostas para a mediação no museu destacamos as perguntas iniciais que despertem a curiosidade e estimulam o diálogo, a observação crítica das exposições fixas e temporárias, as atividades de pós-visita como relatos, mapas mentais, cordéis ou charges e o estabelecimento de conexões entre o que é observado no museu e as experiências vividas pelos sujeitos da EJA. Essas práticas permitem que o museu seja compreendido como ações que extrapolam a sala de aula, contribuindo para a formação crítica e o protagonismo dos estudantes, em consonância com os princípios da geografia crítica e da pedagogia freiriana.

Quando pensamos em museu, muitas ideias podem surgir: um lugar de guardar coisas antigas, um espaço silencioso, um prédio histórico, uma vitrine de objetos que contam algo sobre quem fomos e sobre quem ainda somos. Cada pessoa carrega uma imagem diferente, construída pelas experiências que teve ou pela falta delas. Antes de visitar o MISA, é importante escutar essas imagens iniciais, porque elas dizem muito sobre como entendemos a cidade, a memória e o próprio ato de aprender com o espaço. A partir disso, podemos abrir a conversa com algumas questões: Para vocês o que é o museu? Para que serve um museu? Qual a importância desses espaços para as pessoas? Vocês conhecem o Misa? Quando pensamos no MISA, quais são as imagens ou ideias que vem à mente? O que poderemos encontrar ali?

Desta forma, é a partir das indagações e da intencionalidade do educador e, sobretudo, do diálogo que se estabelece entre educador e educando, que se configura um propósito concreto, no qual as respostas produzidas ao longo desse processo passam a orientar a construção de um roteiro significativo para o desenvolvimento da construção do pensamento crítico dos educandos no ambiente museológico, permitindo que o ensino tenha como ponto de partida a realidade concreta dos educandos e provoque à reflexão e à transformação dessa realidade, em um movimento contínuo de conscientização, problematização e construção do conhecimento.

Esse processo dialógico e crítico da realidade, se aproxima das afirmações de Freire (1987) ao destacar que:

o que se pretende investigar, realmente, não são os homens, como se fossem peças anatômicas, mas o seu pensamento-linguagem referido à realidade, os níveis de sua percepção desta realidade, a sua visão do mundo, em que se encontram envolvidos seus "temas geradores" (Freire, 1987, p. 50).

Essa perspectiva abre possibilidades pedagógicas potentes para desenvolver ações educativas de ensino e aprendizagem em Geografia, articulando o acervo do MISA com a realidade concreta dos educandos e com a transformação da sociedade nos âmbitos social, econômico, cultural e territorial que afetam a cidade de Maceió. No entorno do museu, por exemplo, temos um caso de “limpeza” e de exclusão vivida no espaço, de gentrificação e conflito socioespacial. A antiga Vila dos Pescadores de Jaraguá, localizada ao lado do Porto de Maceió e principal chegada dos navios de turistas, foi ocupada por um empreendimento urbano mercadológico, resultando na expulsão de famílias tradicionais que viviam da pesca, práticas diretamente ligadas à subsistência e à identidade territorial. Esse processo evidencia como políticas de modernização urbana podem privilegiar certos usos do território em detrimento de modos de vida historicamente estabelecidos, reproduzindo desigualdades e silenciando narrativas importantes sobre o espaço.

Para Chagas (2002, p. 14), os museus são “casas de memória, documento e poder”. Nesse contexto, as ações dos educadores nesses espaços devem considerar criticamente elementos e histórias que formam a sociedade e que nem sempre estão explícitas nos espaços de museus e na cidade. Daí algumas problematizações podem guiar a investigação crítica e o diálogo pedagógico: De que maneira as transformações urbanas e a criação do Mercado das Artes no Porto de Jaraguá impactaram a vida, os saberes e o território dos pescadores que foram expulsos desse local? O MISA dialoga com essas transformações e tensões no território? Quais histórias, memórias e saberes foram invisibilizados ou apagados? De que forma os registros visuais e sonoros do museu podem ser instrumentos para compreender relações de poder, resistência e pertencimento? E como os educandos da EJA podem relacionar essas narrativas às suas próprias experiências, refletindo sobre desigualdades, memória e produção do espaço urbano?

O Museu da Imagem e do Som de Alagoas (Misa) consolidou-se como um importante espaço de preservação da memória alagoana. Embora criado em 1981 e inaugurado oficialmente em 1987, iniciou suas atividades na sala Hekel Tavares, no Teatro Deodoro, mesmo com recursos limitados. O prédio que hoje abriga o museu, de arquitetura neoclássica, recebeu em 1918, durante o governo de Baptista Aciolly, a construção de seu primeiro andar, passando então a sediar a antiga Recebedoria Central, como mostra na figura 1:

**Figura 1 - Recebedoria Central**



Fonte: Acervo Museu da Imagem e do Som de Alagoas.

Ao longo do tempo, o edifício sofreu deteriorações que levaram ao seu fechamento em 1998, sendo posteriormente restaurado entre 1999 e 2010. Atualmente, integrado ao conjunto cultural de Maceió, o museu compõe a paisagem da cidade e funciona como um elo entre o passado e as dinâmicas contemporâneas, guardando memórias das transformações tecnológicas, do território e da formação da população alagoana.

**Figura 2 - Fachada atual do Museu da Imagem e do Som de Alagoas**



Fonte: Autoria própria, 2025

Outro aspecto importante é que, ao trabalharmos o museu como espaço de ensino e aprendizagem, podemos mostrar aos educandos da EJA que o patrimônio histórico vai muito além de prédios e objetos antigos: ele registra histórias, culturas e memórias que moldaram a cidade e a sociedade. O MISA, por exemplo, preserva imagens, sons e documentos que se conectam diretamente às experiências das pessoas que formaram a cidade e o estado de Alagoas.

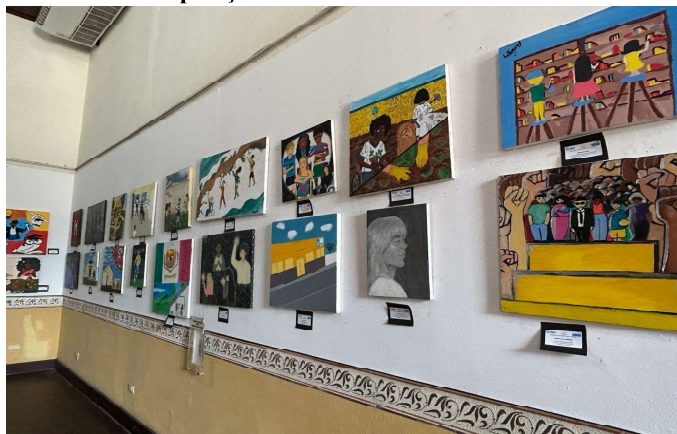


Assim, a valorização do patrimônio cultural permite que os estudantes da EJA reconheçam as suas histórias, memórias, identidades e organizações geográficas, na qual as vivências no museu podem favorecer a problematização da realidade, a construção de sentidos e o desenvolvimento de um conhecimento crítico, contribuindo, assim, para a formação de um processo que se apropria de uma herança cultural, uma ação cidadã e reflexiva dos indivíduos, através de uma educação patrimonial. Nesse sentido, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) define a Educação Patrimonial como:

Atualmente, a CEDUC defende que a Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera ainda que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de Patrimônio Cultural (IPHAN, 2014, p. 19).

Ao explorar imagens, sons, registros históricos e manifestações culturais que compõem o acervo do museu, os educandos da EJA são convidados a refletir sobre os processos históricos e geográficos que moldaram o território alagoano, suas paisagens, identidades e contradições socioespaciais. Além de proporcionar diálogo com as exposições informativas sobre temas sociais abordados através de pesquisas educacionais, como observamos na exposição "Comunidade Escolar e Território", como mostram as figuras abaixo:

**Figura 3 - Obras da exposição "Comunidade Escolar e Território" (2025)**



Fonte: autoria própria, 2025.

A presença desse tipo de produção no acervo expositivo reforça a importância da participação ativa dos sujeitos no processo de construção do conhecimento, aproximando o museu da realidade dos educandos da EJA. Além disso, demonstra como o espaço museal

pode acolher pesquisas escolares e transformá-las em material crítico de leitura do espaço geográfico, favorecendo debates sobre desigualdades, políticas públicas e qualidade de educação.

A exposição contava ainda com um painel explicativo que informava os trabalhos realizados pelo grupo, o material informativo destaca que o Grupo de Pesquisa Histórica e Interdisciplinar Luiz Sávio de Almeida (G.PHILSA), criado em 2022, dedica-se à investigação e divulgação de documentos históricos inéditos, com ênfase em surtos epidêmicos ocorridos na Província das Alagoas no século XIX. O grupo desenvolve ações de iniciação científica na rede estadual de ensino, promovendo eventos, oficinas e intervenções que fortalecem a cultura pesquisadora e o protagonismo estudantil. Entre suas produções, destaca-se a Revista Documento Histórico, que reúne trabalhos de professores tutores e alunos pesquisadores. O G.PHILSA também realiza projetos socioeducativos, como estudos sobre o caramujo africano (*Achatina fulica*), campanhas de enfrentamento à violência contra a mulher e iniciativas de combate ao racismo e à intolerância religiosa por meio da arte.

Outra possibilidade é trabalhar com o acervo de imagens do MISA, que possui vários registros fotográficos relacionados à história, à cultura e à vida cotidiana de Maceió. Algumas imagens estão disponíveis no site do museu e por meio delas os educandos podem explorar o patrimônio histórico de forma concreta, analisando como espaços, pessoas e acontecimentos foram representados ao longo do tempo. A partir desse acervo, podem observar como o espaço urbano se transformou ao longo do tempo, percebendo os impactos da industrialização, da modernização e das mudanças nas formas de viver na cidade. As imagens permitem analisar trajetórias históricas, comparando o passado e o presente, e refletir sobre como essas transformações afetaram o território, as práticas sociais e a vida cotidiana das comunidades.

As fotografias históricas de Maceió, especialmente aquelas que registram o bairro de Jaraguá em diferentes períodos, oferecem possibilidades potentes de leitura do espaço. Ao comparar imagens do “antes e depois”, como as fotografias antigas de ruas, portos, edificações e práticas sociais com registros atuais. Os educandos são convidados a observar as transformações urbanas, refletindo sobre quem ganha e quem perde com essas mudanças, a partir dessa comparação visual, o professor pode promover discussões sobre modernização, desigualdades socioespaciais, patrimônio cultural e identidade territorial, estimulando que os alunos leiam criticamente o espaço geográfico e compreendam os processos históricos que moldaram a cidade.

**Figura 4 - Passarela da Ponte de Embarque, a direita a Recebedoria Central, a esquerda o Trapiche Novo, e ao fundo o Sindicato dos Estivadores, 1930.**



Fonte: Jaraguá História e Boêmia, 2004.

**Figura 5 - Local onde situava-se o Portal da Ponte de Embarque, à direita do Museu da Imagem e do Som (MISA), 2014.**



Fonte: Débora Ataíde (2015).

A análise comparativa entre as fotografias possibilita uma leitura crítica das transformações urbanas, culturais e sociais da cidade de Maceió. Ao observar a fotografia antiga, os estudantes identificam marcas do passado, como a arquitetura colonial, a função portuária do bairro e a configuração espacial que expressava outras relações sociais e econômicas. Já a imagem contemporânea evidencia processos de modernização, revitalização e ressignificação do território, revelando novos usos do espaço e disputas em torno da preservação do patrimônio cultural, essa comparação favorece o desenvolvimento da curiosidade epistemológica, conforme defendido por Freire (1996), ao provocar questionamentos sobre permanências, rupturas e interesses envolvidos nas mudanças. Ao mesmo tempo, permite que os educandos, seguindo a perspectiva de Cavalcante (2013), relacionem o espaço vivido às transformações que compõem a história da cidade.

Compreendendo o museu a partir de seu acervo, podemos identificar que sua construção cronológica, que se caracteriza por equipamentos tecnológicos de antigas gerações aos mais atuais, são entrelaçadas às histórias dos personagens que marcaram a cultura alagoana, como: Dr. Raimundo Campos, Edécio Lopes, Freitas Neto, Pedro da Rocha, Valmir Calheiros, são algumas das figuras que o museu coleciona em seu acervo, contribuindo desde o áudio e visual ao jornalístico e histórico, assim o local ajuda a compreender mudanças e permanências na cidade e não limita a visão do espaço, sendo articuladas com outras dimensões da realidade dentro de suas visitas articuladas e guiadas.

É possível encontrar uma variedade de objetos, como celulares, câmeras, computadores e gravadores, que, juntos, evocam e preservam épocas muitas vezes esquecidas.

**Figura 6 - Acervo do MISA - câmeras, aparelhos de rádios e televisores**



Fonte: Autoria própria, 2025

Os equipamentos tecnológicos presentes no acervo, possibilitam reflexões sobre as transformações no modo de produzir, registrar e comunicar informações. Esses objetos permitem que os educandos percebam como a tecnologia influencia práticas sociais, relações de trabalho, produção cultural e dinâmicas urbanas. A partir da observação desses maquinários, o professor pode conduzir diálogos sobre mudanças tecnológicas e seus impactos na vida cotidiana, promovendo associações entre tempo histórico, inovação, comunicação e transformação do território. Essa abordagem favorece o desenvolvimento de habilidades relacionadas à leitura das mídias, à análise das tecnologias e à compreensão das relações entre ciência, sociedade e espaço geográfico como consequências da globalização.



**Figura 7 - Acervo do MISA – retroprojetores antigos**



Fonte: Autoria própria, 2025

Os jornais conservados no museu também constituem recurso pedagógico relevante, pois possibilita discutir como a informação circulava no passado, quais temas eram pautados e como as narrativas mudaram ao longo do tempo, esses materiais permitem relacionar comunicação, política, história e produção de conhecimento, levando os estudantes a refletirem sobre fontes históricas, discursos oficiais e representações sociais, por meio desse exercício, é possível desenvolver habilidades de análise crítica das mídias e de comparação entre processos comunicativos do passado/presente e quais assuntos eram relevantes a sociedade.

**Figura 8 - Mediação no acervo bibliográfico**



Fonte: Autoria própria, 2025

Além disso, o conjunto de registros culturais (músicas, relatos sonoros, depoimentos e documentos audiovisuais) oferece caminhos para trabalhar identidade cultural, memória coletiva e pertencimento. Esses elementos aproximam os educandos de práticas culturais

locais, permitindo refletir sobre tradições, manifestações populares, figuras marcantes da música e da comunicação alagoana e sobre as formas pelas quais essas expressões ajudam a construir a identidade da cidade, tal discussão amplia o reconhecimento dos educandos enquanto sujeitos culturais e auxilia o entendimento das influências que tiveram ao longo de sua formação individual e fortalece vínculos com o território onde vivem.

Assim, cada elemento observado no MISA, das fotografias às tecnologias, dos jornais aos registros sonoros, do prédio ao entorno, torna-se ponto de partida para práticas educativas que articulam memória, espaço e cidadania. A partir dessas leituras, os estudantes da EJA constroem interpretações sobre o território, ampliam sua compreensão crítica da cidade e reconhecem-se como sujeitos históricos e culturais.

Dessa forma, a proposta incentiva a compreensão da cidade como construção histórica e social, convidando os estudantes da EJA a se reconhecerem como protagonistas do espaço e da memória coletiva. O museu assume, assim, papel articulador entre escola e território cultural, possibilitando aprendizagens que se vinculam à vida real dos educandos.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo buscou analisar as potencialidades educativas do Museu da Imagem e do Som de Alagoas (MISA) para o ensino de Geografia na Educação de Jovens e Adultos, compreendendo o museu como espaço potente para aprendizagens significativas, construção da memória social e fortalecimento da identidade cultural. A partir das vivências formativas realizadas no museu, foi possível reconhecer que o MISA oferece múltiplas possibilidades de leitura crítica do território, sobretudo por meio de seu acervo audiovisual, das fotografias históricas e das narrativas sobre o desenvolvimento urbano de Maceió.

Ao contextualizar o bairro de Jaraguá como território de tensões, memórias e transformações, compreendemos que o museu não está dissociado da cidade, mas participa das relações sociais, culturais e econômicas que produzem o espaço. Desse modo, práticas pedagógicas no museu podem incentivar reflexões sobre pertencimento, desigualdades e usos do território, aspectos essenciais para a formação crítica dos estudantes da EJA.

A proposta didática apresentada reforça que o ensino de Geografia deve considerar os saberes prévios dos educandos, valorizar suas vivências e estimular sua autonomia intelectual. Além disso, entendemos que as ações de ensino e aprendizagem exigem intencionalidade e mediação do educador, que orienta a leitura crítica do acervo, provoca reflexões sobre o território e as transformações sociais, e articula os conteúdos com a realidade dos estudantes.

Nessa perspectiva, o MISA configura-se como um espaço de visitação, experiência e diálogo, no qual os educandos podem se reconhecer como sujeitos históricos e agentes transformadores da realidade, elementos essenciais para a formação crítica dos estudantes da EJA.

Destaca-se ainda a necessidade de políticas públicas que ampliem o acesso da EJA a instituições culturais, considerando que, em grande parte das vezes, seus horários de funcionamento impedem a participação de estudantes trabalhadores. Nesse sentido, a própria experiência com o MISA evidenciou limitações de acessibilidade institucional, especialmente no processo de agendamento de atividades educativas, o que impacta diretamente a organização pedagógica. Assim, reforça-se a importância de iniciativas e políticas que democratizam o direito à cidade, à cultura e aos espaços de educação não formal, garantindo que museus estejam efetivamente disponíveis para práticas formativas.

Por fim, entendemos que o presente estudo abre caminhos para desdobramentos futuros, como a aplicação da proposta didática com turmas da EJA, análise das aprendizagens desenvolvidas e a construção de novas estratégias que aproximem escola, museu e o espaço. Acreditamos que essa articulação fortalece uma educação que reconhece a vida e os saberes e a cidade como sala de aula e os sujeitos como protagonistas da história que constroem diariamente.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Cristina. **Jaraguá: patrimônio, identidade e memória urbana de Maceió**. Maceió: Edufal, 2018.

ATAÍDE, Débora Lucena de. *Jaraguá ontem e hoje: um lugar sob a ótica dos idosos*. 2015. Dissertação (Mestrado em [área]) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 15 nov. 2025.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos**. Brasília: IPHAN, 2014.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

CABRAL, Ana Paula. Acesso e inclusão cultural de jovens e adultos em museus brasileiros. **Revista Museologia e Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 75–91, 2021.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 4. ed. Campinas: Papirus, 2003.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Jovens e a cidade: concepções e práticas espaciais urbanas cotidianas. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 35, volume especial, p. 74–86, 2013.

CHAGAS, Mário. Cultura, patrimônio e memória. **Ciências e Letras**, Porto Alegre, v. 31, 2002.

CIRCE (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2003.

MATOS, Isla Andrade Pereira de. *Ação educativa do Museu Afro Brasil: educação patrimonial no combate à discriminação étnico-racial*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE ALAGOAS – MISA. Informações institucionais. Maceió: Secretaria de Estado da Cultura de Alagoas, 2024. Acesso presencial ao acervo em: 7 abr. 2025.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DE ALAGOAS. Museu da Imagem e do Som: uma preciosidade cultural que mantém o seu apogeu vivo em Maceió. **Museus de Alagoas**, 2024. Disponível em: <https://museus.al.gov.br/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

VICTORIANO, Cláudio. **Jaraguá: história e boêmia**. Maceió: [s.n.], 2004.